



CRECHES TÊM DIFERENTES FORMAS DE LIDAR COM LISTAS DE ESPERA

O tempo dourado do ensino pré-escolar

Numa altura em que as escolas do ensino pré-escolar e infantil se preparam para receber as candidaturas, fomos ver os exemplos de três escolas na admissão dos alunos, numa altura em que há mais procura do que oferta. As formas de escolha dos alunos estão longe de ser iguais para todos

CECÍLIA LIN
cecilia.lin@hojemacau.com.mo

LONGE vai o tempo em que poucos bebés nasciam em Macau, por causa de dificuldades trazidas por uma economia que não brilhava como hoje. Contudo, verifica-se actualmente que o desenvolvimento económico trouxe mais bebés, o que resultou na sobrecarga das escolas. “Temos sorte, porque mesmo na pior época temos alunos suficientes para garantir a operacionalidade na escola”, disse ao HM a vice-directora da escola de São Paulo, Rowena Chong, também responsável pela área do jardim de infância.

Rowena Chong considera que o jardim infantil sempre conseguiu contornar o possível azar de ter uma diminuição do número de salas ou mesmo do fecho da escola. Com uma lista de espera, há sempre mais candidatos do que vagas. “No ano passado, com 210 vagas, tínhamos mais de 1200 candidatos”, disse Alejandro Salcedo, director-geral da mesma escola.

“Houve pais que ficaram à espera fora da escola no dia da inscrição, desde as três da manhã, porque pensavam que seriam escolhidos aqueles que chegassem primeiro. Mas a situação não é assim. Contamos aos pais que não precisam de vir mais cedo, e que podem fazer a inscrição no site.”

Situada na Areia Preta, zona de elevada densidade populacional, a procura de uma vaga no jardim infantil da escola São Paulo sempre foi superior à oferta. “Não escolhemos os alunos segundo a ordem de inscrição, mas segundo vários elementos”, explicou Alejandro Salcedo. Esses elementos incluem se a casa fica perto da escola, se os irmãos já estudaram na mesma instituição ou se são familiares dos professores.

“Temos de considerar o elemento dos professores, porque eles têm prioridade, podem cuidar dos seus filhos no espaço escolar, é uma questão de humanidade. Esta é uma zona com muita população, e temos a responsabilidade de servir os moradores.

Mas mesmo assim temos alunos da Taipa e de Coloane.”

Outro dos elementos de admissão passa pela realização de um exame de admissão. “Temos de fazer isso, não porque temos um estilo chinês, que se concentra mais nos exames dos alunos, mas porque o estilo da nossa escola é muito aberto, os pais podem ouvir as aulas dos filhos à vontade. Mas temos de escolher 120 alunos de entre 1200 candidatos.”

Alejandro Salcedo explica que o exame não é difícil, mas apenas pretende analisar se as crianças estão preparadas para aquela escola. “Se tivermos um aluno que anda numa cadeira de rodas, isso implica ter casas de banho com condições especiais de acesso, o que é difícil, pois temos que ter um funcionário para cuidar e isso ultrapassa a nossa capacidade. Para os alunos surdos não temos terapia ou linguagem gestual. Ai aconselhamos a irem para uma escola com condições adaptadas.”

Nos exames, só entram questões simples, como o local de alojamento ou o nome dos pais. “Não

vamos avaliar a capacidade dos pais, como fazem alguns jardins de infância, nem a sua profissão, porque não estamos a seleccionar os pais, apenas as crianças.”

NO COSTA NUNES NÃO HÁ EXAME, MAS MUITAS LINGUAS

A utilização de um exame para o acesso de crianças no jardim infantil tem causado alguma polémica. Segundo a edição de quarta-feira do jornal Ou Mun, os exames não serão nada fáceis na maioria das escolas. São citadas declarações de pessoas ligadas à área da educação que revelam que, com dois anos, as crianças devem ter noções de literatura, lógica e moral. Devem ainda saber cores, fórmulas e números, bem como identificar produtos do dia-a-dia, nome de comidas e de animais. Depois dos exames, há escolas que ainda questionam os pais porque é que escolhem aquela instituição, e quanto tempo do seu dia-a-dia dispõem para cuidar do filho.

Não é o que se passa no Jardim de Infância Dom José da Costa Nu-

nes. “Não temos este tipo de exame, não fazemos nenhum exame”, disse ao HM a directora, Vera Gonçalves, que considera que não deve existir um ambiente muito sério no ensino infantil. “Os pais, mesmo os que não falam português, escolhem o nosso jardim de infância, porque gostam do ambiente que damos aos seus filhos.”

O facto de poderem ter contacto com o português é outras das razões. “É um dos motivos pelo qual nos escolhem, bem como o tipo de ensino. É menos formal, não há trabalhos de casa. Temos um ensino mais divertido, construtivo, as crianças sabem aprender brincando. É isso que faz as crianças felizes.”

Vera Gonçalves confirma que há muitas crianças chinesas que “rapidamente” aprendem o português ali. “É a altura ideal para aprender uma língua. Cada turma tem os agentes de ensino que falam chinês, há auxiliares e professores portugueses que comunicam com estes alunos.”

Há ainda aulas de mandarim, idioma que Vera Gonçalves considera ser o futuro. “Temos todos os dias aulas de mandarim, mas inglês já não temos com tanta frequência, porque é uma língua que se aprende melhor depois da aula. Mesmo os alunos portugueses conseguem aprender mandarim aqui.”

Ao contrário da escola de São Paulo, os primeiros 40 alunos a inscreverem-se entram no Costa Nunes, e depois entram em lista de espera. “Neste momento temos cinco alunos à espera. Quando tivermos alunos suficientes para abrir mais uma sala, iremos pedir à Associação Promotora da Instrução dos Macaenses (APIM) uma terceira sala. Cada ano tem actualmente duas salas, cada uma com 20 alunos.”

DIFICULDADES NO RECRUTAMENTO

Com uma pequena lista de espera, o Costa Nunes tem dificuldades no recrutamento de professores portugueses. “Não temos dificuldade de espaço, e o número de alunos voltou a aumentar desde 2009. Mas a grande dificuldade que temos é em recrutar um professor do ensino do português. Em Portugal há esse curso, mas em Macau não há”, disse Vera Gonçalves.

Pelo contrário, o espaço é uma das preocupações da escola de São Paulo. “Temos muitos candidatos, mas não recebemos todos por falta de espaço”, disse Alejandro Salcedo. “Mas não me queixo, porque o Governo já nos financiou um novo edifício. Queremos é mais espaço para as aulas. Não temos dificuldade em recrutar professores, porque somos uma escola chinesa.”

NA CRECHE DA SANTA CASA FAZ-SE SORTEIO

Tendo em conta o desequilíbrio entre a procura e a oferta, a creche

da Santa Casa da Misericórdia de Macau (SCMM) prefere sortear os candidatos. “Temos 258 vagas para crianças com idades entre os três meses e três anos. Mas só temos 114 vagas para as crianças com três meses que querem entrar na creche pela primeira vez”, explicou ao HM Isabel Marreiros, directora do espaço.

“Começamos a fazer as candidaturas esta segunda-feira, e até esta manhã já recebemos 2450 pedidos de candidatura. Acredito que no final o número de candidaturas será de 2500.”

“Normalmente uma creche tem apenas cem vagas. Há dois anos expandimo-nos e o número de vagas duplicou para o que temos agora. No próximo ano vamos abrir outra creche, no nosso edifício da SCMM, o que vai trazer ainda mais vagas.”

No dia anterior à entrevista com Isabel Marreiros, o presidente do Instituto de Acção Social (IAS), Iong Kong Io, disse que há cerca de 20 mil crianças para entrar nas creches, mas que as vagas são apenas oito mil.

Para Isabel Marreiros, “nem todas as crianças com idade de entrar vão entrar. Se os pais não precisarem de trabalhar fora de casa ou conseguirem cuidar dos seus filhos, não há essa necessidade”.

A SCMM já ajudou muitos pais com dificuldades financeiras, mas agora as crianças que estão na creche fazem parte de todos os estratos sociais. “Com o desenvolvimento económico, muitas mães começaram a trabalhar fora de casa. Pensam que pagar a uma empregada doméstica é o mesmo que pagar a uma creche. Mas numa creche as crianças podem conviver com os colegas e aprendem a integrar-se na comunidade. Já vi muitas empregadas que deixam as crianças a ver televisão enquanto tomam as refeições. Isso não acontece na creche.”

Das 11 salas da creche, há também uma sala de inglês e português. “Temos 5% de alunos portugueses”. O número não é muito alto, comparando com os números da comunidade portuguesa. Mas Isabel Marreiros diz que nem todos os portugueses optam pelas creches. “Na minha época, eu não fui para o jardim infantil.”

Em relação ao novo sistema de matrícula, implementado pelos Serviços de Educação e Juventude (DSEJ), Isabel Marreiros defende que o mesmo sistema podia ser usado na creche. “Já aconteceu uma ou duas vezes dois alunos que desistiram da vaga por motivos pessoais, porque emigraram para outros países ou mudaram para outra creche. Isso não é justo para os pais que, de facto, querem uma vaga, mas de facto estamos num mercado livre.” 4



MELINDA CHAN ABRE CRECHE EM SETEMBRO

A Associação de Beneficência Sin Meng, presidida pela deputada Melinda Chan, vai abrir a sua primeira creche no edifício residencial Riviera. Segundo Iris Yeong, administradora da Sin Meng, o espaço abre em Setembro, depois de algum atraso. “A creche está a ser renovada e poderá ter até 200 crianças. Mas no primeiro ano vamos apenas aceitar 100, porque não temos recursos humanos, temos de ir fazendo fase a fase.”

INSCRIÇÕES COMEÇAM EM MAIO

O IAS já tinha anunciado a abertura de cinco creches para satisfazer as necessidades de vaga, mas com o atraso nas obras, só dois novos espaços abriram. Para além da creche da Associação de Beneficência Tung Sin tong, há a creche no Edifício do Lago, na habitação económica da Taipa, gerida pela Associação de Moradores de Macau (UGAMM). Outras creches vão ainda abrir este ano: para além da Sin Meng, há o espaço da Obra das Mães, no edifício Flower City, bem como outro espaço na habitação pública de Seac Pai Van, da Associação dos Operários de Macau. As creches começam as candidaturas em Maio, quando para os jardins de infância é já em Março.

